

EM TODO O PAÍS

PATRIMÓNIO FLORESTAL ENCONTRA-SE AMEAÇADO

★ Em execução Programa Nacional de Reflorestamento

por Ismael Juma

N. 3/11/87

Um Programa Nacional de Reflorestamento, de carácter permanente e criado o ano passado pela Direcção Nacional de Floresta e Fauna Bravia está em execução em todas as províncias do País. O mesmo tem por objectivo promover a execução da política de reflorestamento, reduzir a pressão sobre os recursos naturais existentes, traduzida no aproveitamento e consumo descontrolado de madeira para fins industriais e para energia, segundo disse ao «Notícias» o técnico da FAO para a Agricultura e Reflorestamento, Eduardo Mansur.

Eduardo Mansur, disse à nossa Reportagem que no ano passado, a Direcção Nacional de Floresta e Fauna Bravia (DNFFB) realizou em todas as províncias do País um inquérito nacional sobre reflorestamento.

Após o inquérito concluiu-se que Moçambique dispõe neste momento de um total de 40 225 hectares de área plantada, da qual cerca de 39,7 por cento está coberta com eucaliptos, 58,5 por cento com pinho, 1,4 por cento com casuarina e a restante área com outras espécies.

Manica ocupa o primeiro lugar em termos de área plantada, com um total de 23 264 hectares de eucaliptos e pinho, o que corresponde a 60,4 por cento do total da área reflorestada no País. No último plano encontra-se a província de Cabo Delgado que conta com cerca de sete hectares de eucaliptos e pinho em maior quantidade e outras espécies.

O nosso interlocutor defendeu que cerca de 50 por cento da actual área reflorestada foi estabelecida após a independência, pois antes havia só 20 mil hectares plantados e virados para a produção industrial, e programas de protecção de encostas, culturas e para a defesa das populações costeiras contra ventos. Não havia plantações para fins energéticos.

BAIXO ÍNDICE DE SOBREVIVÊNCIA

Dados fornecidos por Eduardo Mansur assinalam que cálculos existentes dão conta que o «stock» de crescimento nas florestas plantadas do País é de aproximadamente 5,5 milhões de metros cúbicos, nomeadamente 36 por cento de eucaliptos e 64 por cento de pinho.

«Infelizmente, este cálculo não traduz a realidade porque o índice de sobrevivência obtido pelos projectos de reflorestamento, sobretudo os que utilizam eucaliptos têm sido muito baixo, o que corresponde apenas a cerca de 50 por cento», disse o nosso interlocutor.

Ele acrescentou que isto deve-se a diferentes factores, nomeadamente a prática de queimadas descontroladas, a falta de chuvas, ataques de pragas, a má preparação do terreno e a própria conjuntura sócio-política e económica do País.

Eduardo Mansur referiu que o incremento médio anual de 12 metros cúbicos por hectare praticamente não foi atingido, salvo na província de Manica e em raras excepções em outros sítios. Mais adiante, ele diria que

mesmo considerando esta estimativa volumétrica, tal recurso pouco representa diante da demanda nacional de produtos florestais, principalmente se for considerado o abastecimento de madeira para energia.

PATRIMÓNIO AMEAÇADO

Todas as províncias carecem de reflorestamento neste momento. O consumo de madeira para energia é uma grande ameaça ao património florestal nacional, quer natural, quer plantado, agravando-se sobretudo nas proximidades de grandes concentrações populacionais.

Segundo este assunto, Eduardo Mansur lamentou o facto de no meio rural

ser já tradicional o desmatamento da floresta para a obtenção de lenha e estacas para a construção. Estas regiões têm um desenvolvimento florestal desequilibrado, pois não há o hábito de reflorestar essas áreas desmatadas.

Por exemplo, a cidade de Maputo consome anualmente cerca de 400 mil metros cúbicos de lenha, o que significa quase um quinto do volume existente de eucaliptos no País. O mais agravante é o facto desta lenha ser toda oriunda da floresta nativa circunvizinha, o que na melhor das hipóteses significa um desmatamento diário de pelo menos 25 hectares.

A empresa Textáfrica no Chimoio é apontada como sendo a maior consu-

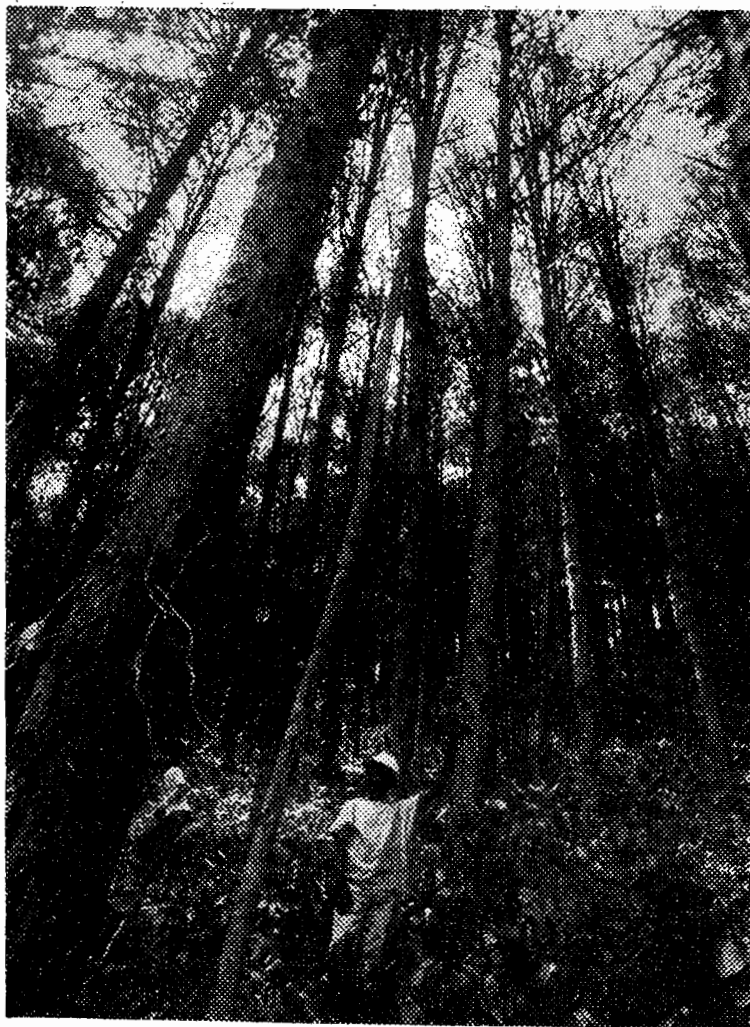
midora de lenha no País, sendo a mesma utilizada para aquecimento de caldeiras. Segundo disse o nosso interlocutor, esta empresa devia preocupar-se em reflorestar as áreas desmatadas, como acontece com a empresa EMOCHÁ em Gurué que passou o seu próprio projecto de reflorestamento para fins industriais.

— Os projectos de reflorestamento para energia actualmente existentes não serão capazes de vir a atender toda a procura urbana de lenha e carvão vegetal — disse o técnico da FAO para depois concluir que, paralelamente, outras formas de promoção do reflorestamento nas proximidades destes centros precisam de ser identificadas e difundidas.

COMO AGIR

O técnico da FAO para a Agricultura e Reflorestamento defendeu a necessidade de, em cada província, promover-se o reflorestamento, sendo os alvos prioritários as Cooperativas, Zonas Verdes e agricultores das zonas periféricas dos centros urbanos, que poderão desempenhar o papel preponderante na geração de fontes alternativas de lenha, carvão e estacas.

O desmatamento deve ser orientado pelos Serviços de Florestas e Fauna Bravia existentes no País, cabendo ao Programa Nacional de Reflorestamento agora em curso, incentivar a criação de viveiros provinciais para a produção de mudas necessárias ao reflorestamento e à extensão florestal.



Na imagem pode-se ver uma plantação de pinheiros em Manica
(Foto de Arquivo)